

# MOÇAMBIQUE

## Setor privado pronto para o progresso

O governo tem pela frente enormes desafios para retirar milhões de pessoas da pobreza e colocá-las no mercado consumidor. Está, deste modo, a trabalhar em estreita colaboração com os investidores privados, no sentido de diversificar a economia e construir a infraestrutura necessária para importantes projetos nas áreas da mineração e energia. A integração regional é uma grande prioridade. E o turismo está em expansão, graças ao ambiente seguro e estável — **e às praias magníficas!**



# Abertura total para os negócios

Moçambique é um país muito pobre. Mas os desafios também podem significar oportunidades, particularmente quando o governo considera o envolvimento e investimento privados como uma parte vital da solução.

Há um tema subjacente a todo o planeamento económico e político em Moçambique: a necessidade de retirar milhões de pessoas da pobreza. É fácil de dizer e, à primeira vista, de concretizar, tendo em conta as muitas vantagens do país em termos de recursos naturais e localização. Mas uma descolonização lenta e desordenada e os anos de guerra civil que se lhe seguiram deixaram Moçambique em ruínas. Gradualmente, essa realidade começa a fazer parte do passado. Nos últimos anos, os tempos correm de feição graças à estabilidade política e à implementação de reformas estruturais, a um clima empresarial mais favorável e ao aumento dos investimentos. Segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), a economia cresceu, em média 7,1% no período de 1992 a 2001 e entre 6,3% e 9,2% até 2010. Este ano, o crescimento económico poderá situar-se nos 7,5%. Contudo, a dimensão das tarefas por realizar continua a ser intimidante.

Segundo Aiuba Cuereneia, ministro da Planificação e Desenvolvimento, na legislatura de 2005-2009 a Administração centrou a sua atenção na pobreza rural. Para o período de 2010-2014 será dada prioridade à pobreza urbana, “um fenómeno muito mais cruel.”

Um exemplo flagrante da dimensão deste desafio consta de dois relatórios divulgados pelo governo em janeiro do corrente ano. As boas notícias: o ano escolar arrancou com 511 novas escolas. As más notícias: 700 mil estudantes continuarão a ter aulas ao ar livre, devido à falta total de salas de aula e de verbas para a sua construção. Segundo Zeferino Martins, ministro da Educação, isto constitui um motivo de preocupação, sendo, no entanto, melhor do que deixar as crianças em casa.

Os desafios que Moçambique enfrenta representam oportunidades para muitas empresas estrangeiras. A FRELIMO, antigo movimento de libertação e o então partido político

marxista-leninista, que tem governado desde a independência, em 1975, está agora totalmente empenhada no capitalismo. Segundo o ministro Aiuba Cuereneia, para se lutar contra a pobreza é preciso estimular sempre o setor privado. Referiu ainda que o governo não pode fazer tudo, sendo necessária a criação de condições para que as empresas privadas possam intervir.

Isto implica importantes projetos estratégicos de infraestrutura, muitos deles coordenados com países vizinhos e baseados em concessões do setor público, assim como estímulos para o investimento privado regular e esforços para a diversificação da economia, com o consequente acréscimo do valor local. Há também programas de base para a educação, a saúde e a criação de postos de trabalho.

O aumento dos rendimentos mais baixos irá expandir o mercado de serviços, como o dos telemóveis e da banca, que está a começar a alcançar novos segmentos da população.

Segundo Manuel Chang, ministro das Finanças, a maior parte dos recursos federais está a ser canalizada para setores que poderão ajudar a reduzir a pobreza. Afirmou ainda que 65% da despesa pública estão atualmente a ser afetados aos setores sociais, incluindo a saúde, a educação e infraestruturas, tais como autoestradas, fornecimento de energia elétrica, comunicações, água potável e outros.

Moçambique continua a depender fortemente da ajuda e empréstimos externos. As próprias receitas do Estado cobrem apenas 55% da despesa, sendo que os restantes 45% são provenientes de doações e instituições, como o Banco Mundial, o Banco Africano de Desenvolvimento, o Banco Islâmico de Desenvolvimento e fundos do Kuwait, entre outros recursos.

A Millennium Challenge Corporation, do governo dos EUA, acordou aprovar um programa quinquenal, no montante de 507 milhões de dólares, destinado a reduzir a pobreza





## Factos

**Várias décadas de guerra e subdesenvolvimento colocaram os moçambicanos na lista das populações mais pobres do mundo.**

- **POPULAÇÃO:** 22 milhões de habitantes, com um crescimento anual de 1,8%, dos quais 63% nas zonas rurais; a literacia de adultos do sexo masculino é de 64%; a literacia de adultos do sexo feminino é de 33%.
- **GOVERNO:** Democracia republicana multipartidária; o presidente diretamente eleito escolhe o primeiro-ministro e 11 governadores provinciais.
- **LÍNGUA OFICIAL:** Português, embora a maior parte da população fale uma das várias línguas tribais.
- **CAPITAL:** Maputo (Lourenço Marques até 1976); população: 1,3 milhões de habitantes.
- **MOEDA:** Metical (meticais, MZN ou MTn); 1 dólar = 32,5 meticais em jan. 2011.
- **PIB:** 10,2 mil milhões de dólares (câmbio oficial de 2009), crescimento estimado de 6,5% em 2010 e 7,5% em 2011 (FMI/WEO out. 2010), PIB *per capita*: 463 dólares à taxa de câmbio oficial ou 1.000 dólares em PPP).
- **INFLAÇÃO ESTIMADA:** 9,3% em 2010 e 5,6% em 2011 (FMI/WEO out. 2010).
- **EXPORTAÇÕES:** Alumínio, camarão, castanha de caju, algodão, açúcar, citrinos, madeira, eletricidade.
- **IMPORTAÇÕES:** Maquinaria e equipamento, veículos, combustível, produtos químicos, produtos metálicos, géneros alimentícios, têxteis.

## Símbolos de orgulho nacional

No momento em que o país se prepara para acolher o maior evento desportivo internacional de sempre, os Jogos Pan-Africanos, Moçambique perdeu o seu pintor mais famoso. Malangatana Valente Ngwenya saiu da pobreza rural, expondo as suas obras na Europa e Estados Unidos. Morreu em janeiro do corrente ano, aos 84 anos de idade.

“Através da sua arte, Malangatana mostrou a nossa nação ao mundo”, disse o Presidente de Moçambique, Armando Guebuza, no funeral de Estado. Moçambique será mais uma vez o centro das atenções internacionais em setembro de 2011, quando 6500 atletas provenientes de quatro dúzias de nações competirem em 23 modalidades desportivas na 10.ª edição dos Jogos Pan-Africanos, um evento quadrienal reconhecido pelo Comité Olímpico Internacional. Esta é apenas a terceira vez que este evento tem lugar na África Austral e a primeira vez em Moçambique.

Está a ser construída em Maputo uma aldeia para os atletas. Esta aldeia é constituída por 106 blocos de apartamentos de quatro andares com um custo estimado de 120 milhões de dólares, parte dos quais irá ser suportada por Portugal. Nas palavras do Presidente de Moçambique, esta infraestrutura tem uma grande importância para o desporto, assim como para a economia e áreas sociais.



Vistas de Moçambique: a capital, Maputo; uma ponte sobre o imponente rio Zambeze, e uma praia em Inhambane, cuja faixa costeira foi em tempos visitada pelo explorador Vasco da Gama.

e a estimular o crescimento, principalmente no Centro e Norte do país. Nas zonas rurais e aldeias, os projetos incluem o abastecimento de água, o transporte local, o melhoramento do regime de propriedade e o apoio ao rendimento dos agricultores e suas famílias. O objetivo global é aumentar o rendimento anual *per capita* em cerca de 45 dólares para um número aproximado de três milhões de pessoas. Talvez não pareça muito, mas, para muitas pessoas poderá representar um aumento de 10%.

Fazendo uma menção elogiosa ao programa dos EUA e ao estado das relações bilaterais, o primeiro ministro, Aires Ali Bonifácio afirmou, que é preciso trabalhar mais com o setor privado americano, havendo no país oportunidades para as empresas americanas. ■

## 3 Intervenientes de relevo

Governo e investidores privados estão a trabalhar em estreita colaboração no sentido de desenvolverem as matérias-primas do país. Um bom planeamento das infraestruturas e uma legislação sensata e equitativa abrem caminho para projetos de grande envergadura.



**Ebbie Haan**  
Diretor-geral, Sasol  
Petroleum International

“Durante 50 anos ninguém esteve disposto a investir 900 milhões de dólares em Moçambique até à chegada da Sasol. Vemos Moçambique como um exemplo a seguir relativamente à forma como queremos fazer uma cadeia de valores integrada, desde o gás, a montante, até à transmissão e modernização, a jusante. A sua importância está a crescer. Trata-se de um grande investimento com um perfil elevado.”



**Esperança Bias**  
Ministra dos  
Recursos Minerais

“Em termos de minerais, Moçambique está basicamente dividido em três regiões, com uma coisa em comum: a presença de hidrocarbonetos. A sul encontram-se os melhores materiais de construção, ao passo que o centro possui mais carvão, ouro e pedras ornamentais. O norte oferece as melhores prospeções para pegmatites” (tipos de granito que podem conter elementos raros, tais como urânio, tungsténio e tântalo).



**Galib Chaim**  
Diretor da Vale  
Moçambique

“A Vale está em Moçambique desde novembro de 2004, altura em que ganhou um concurso internacional para um projeto de raiz destinado ao desenvolvimento de uma das maiores reservas de carvão do mundo, localizada em Moatize, na província de Tete. Quando chegámos, fomos praticamente pioneiros neste processo. Atualmente, existem já várias outras companhias com novos investimentos. É um sinal claro de que o país está a dar provas de viabilidade e sustentabilidade.”

# O futuro radioso do país está enterrado no solo – mas não por muito mais tempo



**A riqueza de Moçambique em recursos não é uma novidade. O que mudou foi o clima político e económico que proporciona agora às empresas a confiança para investirem milhares de milhões de dólares.**

Durante o segundo semestre de 2011, se tudo correr como planeado, vários comboios de carga de longo curso transportarão carvão por uma linha ferroviária renovada de 600 quilómetros (373 milhas), desde uma importante nova mina em Moatize, no Noroeste de Moçambique, até um novo terminal do porto da Beira, na costa, lançando o que promete ser um novo e importante capítulo para o país.

Segundo Esperança Bias, ministra dos Recursos Minerais, o carvão irá contribuir para o desenvolvimento de outros setores, dado que, embora seja o produto central, terá efeitos positivos quer a montante quer a jusante, pois uma mina requer a participação de vários outros setores, desde a logística à hotelaria, passando pela agricultura e por outras indústrias. Estas palavras já são uma realidade na cidade de Tete, centro do projeto liderado pela gigante brasileira de mineração Vale, cujo investimento total previsto irá ascender aos 1,3 mil milhões de dólares. A construção desta gigantesca mina criou milhares de novos postos de trabalho.

A Vale está atualmente a construir o que designa por “uma das maiores fábricas de manuseamento e preparação de carvão do mundo”, com capacidade para processar 26 milhões de toneladas por ano. Outras empresas internacionais estão também a investir em Moatize

e na sua vizinhança, embora a capacidade de exportação inicial possa ser restringida pelas limitações na linha ferroviária e instalações portuárias. Parte deste carvão será utilizada localmente, numa importante central térmica já planeada, e uma grande percentagem irá para os mercados de exportação, como a China, a Índia e o Brasil, que já manifestaram interesse neste produto.

A província de Tete não possui apenas carvão. Em janeiro de 2011, a companhia Baobab Resources, sediada em Londres, anunciou que os resultados iniciais das prospeções de ferro, vanádio e titânio na zona tinham dado resultados significativamente melhores do que o previsto e que a empresa tinha planos para incrementar a atividade.

No que diz respeito à riqueza de recursos, Moçambique está também a desenvolver importantes descobertas de gás natural e a avaliar possíveis descobertas de petróleo comercial.

Nelson Ocuane, diretor-geral (CEO) da companhia estatal moçambicana ENH (Empresa Nacional de Hidrocarbonetos), referia que o governo estudou a experiência norueguesa, concebendo um contrato híbrido que combina impostos e partilha de produção, tendo em vista certificar-se de que as descobertas de petróleo e gás beneficiam os investidores e o país. ■

## “Toda a riqueza é fruto de um árduo trabalho”



Aires Bonifácio Ali, de 55 anos de idade, foi governador da província de Inhambane (2000–2004) e ministro da Educação (2005–2010) antes de ser nomeado primeiro-ministro, em janeiro de 2010. É membro da FRELIMO, o antigo movimento de guerrilha que se mantém no poder desde a independência, em 1975.

### **Primeiro-Ministro, no início da sua carreira na função pública, esteve muito envolvido na educação.**

#### **Como é que essa experiência o influencia atualmente?**

Moçambique passou por tempos muito difíceis, devido à guerra. Nem os nossos recursos humanos nem os naturais podiam ser utilizados de forma apropriada. Temos agora a oportunidade de despertar esta capacidade adormecida, particularmente no que se refere às pessoas. É por este motivo que estamos a investir tanto no ensino básico, na formação técnica e no ensino superior. Podemos atrair investidores para grandes projetos, mas sem uma participação ampla e forte por parte dos moçambicanos esses projetos não serão sustentáveis.

#### **Que planos tem para reduzir a pobreza em Moçambique e diminuir, ao mesmo tempo, a dependência da ajuda externa?**

Em primeiro lugar, com muito trabalho. A nossa maior tarefa, olhando para o futuro, é instilar na consciência das pessoas a premissa de que toda a riqueza é fruto do trabalho árduo e que requer grandes sacrifícios. Temos de encontrar uma forma que nos permita recuperar rapidamente o terreno que perdemos e livrar-nos da influência negativa da guerra – foram 16 anos que atiraram a força de trabalho para uma situação de férias obrigatórias, com as fábricas simplesmente encerradas. Temos pessoas que estiveram 16 anos sem qualquer experiência de trabalho, sendo que a economia

estava completamente destruída. Portanto, é necessário um esforço adicional para conseguirmos recuperar. Isto é algo de que todos nós – trabalhadores, empresários e investidores – devemos estar conscientes, para que nos possamos organizar e assumir o nosso papel e as nossas responsabilidades com vista a produzirmos mais. Para mim, esse é o grande segredo.

#### **Qual é a sua proposta para a mudança de atitude da população?**

Estamos a trabalhar nisso. A nossa primeira grande prioridade é o acesso ao ensino básico — aprender a ler e a escrever. Seguidamente, o diálogo e a interação entre os vários atores, empregadores e empregados, para que compreendam que estamos todos juntos neste esforço. Quando um projeto não corre bem, é mau para o patrão e para o trabalhador. Portanto, os patrões devem demonstrar empreendedorismo e criatividade, enquanto os trabalhadores precisam de mostrar responsabilidade e dedicação. E ambos devem trabalhar muito.

#### **No entanto, além de muito trabalho, é necessária uma estratégia com a definição de prioridades. ...**

Foi o que fizemos com a agricultura. Estamos a dar prioridade à produção de alimentos, particularmente de cereais, pois temos de garantir a autossuficiência. Estão também incluídas várias culturas comercializáveis, como é o caso dos frutos

secos, e estamos a considerar um importante programa de reflorestação. Algumas áreas serão reflorestadas com eucalipto e pinheiro e outras com espécies nativas. Com estas novas plantações, poderemos desenvolver indústrias, como a produção de papel e de borracha. É também possível que desenvolvamos culturas alternativas para a produção de biocombustíveis. Temos também de investir muito na irrigação, pois temos muitos rios e, na maioria dos casos, a sua utilização não está a ser eficiente.

#### **A agricultura inclui transformação?**

Sem dúvida. Precisamos de ter mais fábricas em Moçambique, para a criação de mais postos de trabalho, a formação de pessoas e o desenvolvimento das suas qualificações. Isso fará com que a nossa produção interna seja integrada nos setores internacionais, mas o ponto de partida é a produção interna. sem isso nunca nos veremos livres da pobreza.

#### **Isso significa atrair investimentos?**

Sim, com certeza. Hoje em dia, nenhum país pode progredir sem a cooperação com outros países, sejam eles vizinhos ou não. Por isso estamos a criar o ambiente propício e a convidar toda a gente. Estabeleci vários contactos com países asiáticos, a Grã-Bretanha e alguns países nórdicos, por exemplo. E quando o nosso Presidente se desloca em visitas ao estrangeiro, faz-se sempre acompanhar por empresários moçambicanos.

# Energia: o caminho para a prosperidade



Moçambique é um país abençoado com grandes recursos energéticos. O desafio consiste em envolver o capital e a competência do setor privado para aproveitar estes recursos em prol do desenvolvimento social e económico.

Temos energia hidroelétrica, gás natural, carvão, energia eólica, energia solar, biocombustíveis e talvez — apenas talvez — petróleo. É o tipo de portefólio de energia de ampla base que muitos países desejariam ter, e que Moçambique tem. Quando olhamos para o futuro, a energia não deverá ser um problema, e o governo tenciona certamente continuar a exportar eletricidade.

Tal como declarou o ministro da Energia, Salvador Namburete, numa entrevista, a energia “é estratégica na nossa luta contra a pobreza”. Afirmou ainda que a energia deve ser utilizada “não apenas para ligarmos as luzes e dizermos que a escuridão acabou, mas também de forma produtiva”.

Embora Moçambique venda desde há anos eletricidade excedentária aos países vizinhos, apenas uma minoria de lares moçambicanos têm energia, talvez cerca de 15%. Portanto, um dos principais objetivos do governo é investir na transmissão, que continua sob o controlo estatal. A distribuição e a produção, que estão abertas à concorrência, também precisam de investimento.

Segundo Salvador Namburete, a empresa estatal Eletricidade de Moçambique (EDM) afetou 289 milhões de dólares para programas de alargamento da rede de eletricidade para o período de 2010-2013. Nos últimos cinco anos, foram acrescentados cerca de 3600 quilómetros (2200 milhas) de linhas de transmissão e distribuição, e existem várias novas centrais de



energia hidroelétrica em construção. A capacidade total do país em produção hidráulica poderá rondar os 12500 MW.

Salvador Namburete afirmou ainda que o seu país irá levar a cabo este desenvolvimento de uma forma sustentável, mas que tal não exclui uma maior utilização das suas reservas de carvão para a produção adicional de energia térmica, embora da forma mais limpa possível. Referiu também que existem etapas de desenvolvimento que não podem ser executadas sem gerar alguma poluição.

Moçambique preparou uma estratégia a longo prazo para biocombustíveis que reflete o

potencial de criação de riqueza entre os agricultores que se dedicam à produção familiar. Além disso, uma grande parte dos 2800 quilómetros (1739 milhas) de faixa costeira também tem potencial para ser utilizada para a produção de energia eólica.

O grande “ponto de interrogação” é o petróleo. A companhia Anadarko, sediada no Texas, anunciou, o ano passado, a descoberta de uma jazida petrolífera ao largo da costa norte de Moçambique, embora fosse demasiado cedo para dizer se a descoberta indicava um campo comercialmente viável. A região também possui gás natural. ■



## Cahora Bassa

Barragem gigantesca, símbolo do passado e futuro, fonte de esperança e controvérsia.

Construída na década de 70 ao longo do rio Zambeze, Cahora Bassa simbolizou ao longo dos anos o regime colonial, um propulsor do desenvolvimento regional, disputas pós-coloniais, destruição causada pela guerra civil e, finalmente, a promessa de prosperidade e independência. Em 2007, Portugal vendeu a Moçambique 85% da central elétrica com uma capacidade de 2075 MW, após anos de argumentos sobre dívidas incorridas para reparação dos danos causados pela guerra. Está agendado para 2011 o início da construção de uma segunda barragem em Mphanda Nkuwa, 60 quilómetros a jusante, que irá gerar uma

capacidade adicional de 1500 MW. À semelhança de Cahora Bassa, é provável que a barragem de Mphanda Nkuwa venda a maior parte da sua energia a utentes industriais sul-africanos, ao abrigo de contratos a longo prazo. Os ambientalistas queixam-se de que as barragens no rio Zambeze estão a degradar o rio, mas as autoridades afirmam que estas permitem um melhor controlo das inundações. O lago de Cahora Bassa está a atrair uma indústria crescente de pesca desportiva, que acolhe turistas estrangeiros. Têm sido relatados casos de pesca de peixe-tigre com pesos que vão até aos 14 kg (30 libras).

# Uma central elétrica aberta aos negócios

A lei moçambicana prevê expressamente uma total abertura do setor energético à participação privada, conforme afirma o ministro da Energia, Salvador Namburete. Os projetos são estruturados como produtores independentes de energia, pelo que são desenvolvidos por uma companhia privada ou consórcio ao abrigo de uma concessão do governo. O ministro Salvador Namburete referiu ainda que estão atualmente em curso investimentos num montante aproximado de 20 mil milhões de dólares nas áreas da eletricidade e combustível, incluindo biocombustível, sendo a participação estatal inferior a mil milhões. Três intervenientes chave, a BP, da Grã-Bretanha, e as companhias moçambicanas estatais EDM e Petromoc (distribuidora de combustível), descrevem os seus planos:



**NUNO DE OLIVEIRA**  
Diretor executivo da Petromoc

"O nosso principal objetivo é fazer da Petromoc uma empresa autossustentada que cumpra os desígnios para os quais foi criada: assegurar que os recursos energéticos sejam transportados e disponibilizados a todos os moçambicanos, onde quer que vivam. Uma pessoa que viva na remota província do Niassa, a norte do país, que é também a menos desenvolvida, deverá poder comprar um ou 50 litros de gasolina. Isto requer infraestruturas de distribuição e de armazenamento."



**MANUEL CUAMBE**  
Presidente da EDM

"O nosso objetivo é alargar o acesso à energia — ou seja, expandir a nossa rede a todo o país. Estamos neste momento a abastecer 90 dos 128 distritos existentes em Moçambique e gostaríamos que todos estivessem ligados à nossa rede até 2014. Os nossos recursos financeiros só nos permitem abastecer 115, não sendo suficiente para todos. Atualmente, abastecemos cerca de 15% dos moçambicanos (de uma população de 23 milhões) e todos os anos chegamos a mais cerca de 600 mil habitantes."



**MARTINHO GUAMBE**  
Diretor-geral da BP

"No início deste ano (2010), a BP anunciou uma decisão estratégica para concluir as suas operações em vários países africanos, à exceção da África do Sul e Moçambique. Comunicámos aos governos de ambos os países os nossos planos para investir e incrementar a nossa atividade empresarial. Existem boas oportunidades em Moçambique... Somos muito ambiciosos e temos planos para aumentar a nossa quota de mercado (atualmente correspondente a cerca de 35%)."

## Procura oportunidades de negócios em Moçambique?

Tem dificuldades em obter informação sobre procedimentos de investimento?  
Quer conhecer melhor o ambiente de negócios no sector de Turismo?

Se a sua resposta para qualquer uma destas perguntas é sim, então a Biblioteca sobre o Clima de Investimento é o portal que procura. Este recurso é livremente acessível e contém legislação desenhada para facilitar o desenvolvimento e realização de negócios em Moçambique. A Biblioteca sobre o Clima de Investimento foi produzida pelo Programa Âncora de Turismo em Moçambique, uma iniciativa conjunta entre o governo de Moçambique e o IFC, membro do Banco Mundial.

Para obter mais informações, visite [www.tourisminvest.org/mozambique](http://www.tourisminvest.org/mozambique)



**MOZAMBIQUE**

**INSTITUTO NACIONAL DO TURISMO**  
**NATIONAL TOURISM AUTHORITY**  
Av. 25 de Setembro, 1203, 3rd Floor P.O. Box 4758  
Maputo - Mozambique  
Tel.: 258 21 307 320/1 - 82 306 3590  
Fax: 258 21 307 322/4  
email: [inatur@inatur.org.mz](mailto:inatur@inatur.org.mz) / [www.inatur.org.mz](http://www.inatur.org.mz)

**→ O que eles pensam**



**Paulo Zucula**  
Ministro dos Transportes e Comunicações

“Moçambique é uma porta de entrada e de saída dos países do interior, até mesmo da África do Sul. Somos um fator-chave para a integração da região, para as economias que fazem parte da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), pois sem infraestruturas não haverá nenhum comércio concorrencial. A novidade é que Moçambique será cada vez mais não apenas um prestador de serviços mas também um ator no desenvolvimento da SADC. Possuímos a maior quantidade de energia limpa, além do Congo, e as maiores reservas de terras agrícolas (de um total de 36 milhões de hectares, apenas 5 milhões são utilizados). A agricultura, o turismo, os transportes e a energia são a base da integração económica, e todos estes serviços estão sediados em Moçambique.



**Ghassan Ahmad**  
Presidente do conselho de administração da Kudumba Investments

“A Kudumba é uma solução integrada para a segurança fronteiriça. Fornecemos ao governo infraestruturas, equipamentos, manutenção e formação na área da segurança fronteiriça. Também prestamos outros serviços, nomeadamente vigilância, controlo de acesso, CCTV, controlo de radiações, controlo de perímetros, e equipamentos de deteção de narcóticos e explosivos. Moçambique é um país com muito potencial, sendo um país atrativo para o investimento. Todo o continente africano é a nova fronteira para a próxima década. E Moçambique é um dos países africanos mais estáveis para investir.”



**Francisco Pereira**  
Presidente do conselho de administração do Fundo de Estradas de Moçambique

“O nosso objetivo é desenvolver o conceito de transporte intermodal em colaboração com o Ministério dos Transportes. Nem todo o transporte deverá ser feito pela via rodoviária, pelo que necessitamos de ligações ferroviárias, fluviais e marítimas. O nosso plano baseia-se na integração, e precisamos de fazer mais para assegurar que os investimentos sejam lucrativos. Um dos nossos princípios orientadores é a transparência e a boa governação — isso é fundamental. Estamos totalmente conscientes de que não pode haver desenvolvimento sem infraestruturas, pelo que o nosso papel é fundamental, pois podemos acelerar ou atrasar o progresso.”

## Os corredores regionais representam o caminho dos setores público e privado para a prosperidade

**Com uma área inferior a um décimo da área dos Estados Unidos, Moçambique assemelha-se à peça de um puzzle, com uma orla fronteiriça de 4500 quilómetros (2800 milhas) e seis países vizinhos, quatro deles sem litoral. A integração regional é, por essa razão, obrigatória.**



**É** sempre bom trabalhar com os nossos vizinhos, mas para Moçambique essa é uma condição fundamental para a sua estratégia de crescimento. Dado que uma grande parte da futura prosperidade do país está ligada ao desenvolvimento do Sudeste Africano, muitos dos principais projetos de infraestruturas são componentes de ambiciosos corredores de desenvolvimento regional. A Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), composta por 15 países, identificou 12 desses corredores, sete dos quais atravessam Moçambique. Três, em particular, estão a emergir como importantes focos para o investimento público e privado, muito do qual através de concessões.

O Corredor de Desenvolvimento de Maputo é o mais antigo e, até agora, o mais importante. Atravessa uma área de cerca de 600 quilómetros (373 milhas), desde Joanesburgo, na África do Sul, até ao porto de Maputo, em Moçambique, e tem gerado vários milhares de milhões de dólares de investimento na indústria, agricultura e exploração mineira. A base da infraestrutura para autoestradas, caminhos de ferro, condutas e transmissão de energia elétrica tem vindo a progredir, mas é um processo que ainda está em curso.

O nosso objetivo a longo prazo é fazer com que Maputo esteja à altura de Durban, o porto mais movimentado da África do Sul, como uma

opção para o comércio externo.

Brenda Home, diretora executiva da Iniciativa Logística do Corredor de Maputo (MCLI na sigla inglesa), uma organização empresarial não lucrativa que promove o desenvolvimento e o investimento ao longo do corredor, considera que Maputo deverá ser a primeira escolha para os importadores e exportadores da região.

Segundo Brenda Horne, quando a MCLI foi criada, em 2003, enfrentava quatro importantes desafios: como expandir e melhorar as ligações ferroviárias, como eliminar as dificuldades burocráticas na fronteira, como promover o corredor para os investidores e como atrair mais serviços de navegação. Estes objetivos do setor privado complementavam os principais progressos na infraestrutura que o governo de Moçambique estava a desenvolver no porto, com a supervisão da Dubai Port World e da sul-africana Grindrod. Segundo o atual plano-diretor do porto, a carga anual deverá aumentar de um valor projetado de 8,7 milhões de toneladas em 2010 para 26 milhões até 2015 e 40 milhões até 2025.

Os volumes de contentores em Maputo duplicaram para 11 mil por mês em 2009, após a gigante da navegação Maersk ter introduzido um novo serviço semanal para o porto e os procedimentos aduaneiros em Moçambique terem melhorado de forma substancial, graças a uma

cooperação inovadora. Uma companhia privada, a Kudumba Investments, está a fornecer tecnologia de ponta, incluindo *scanners* de contentores e aparelhos de raios-X para os aeroportos, ao abrigo de um contrato de concessão de 20 anos do tipo “BOT”, ou seja, construção-exploração-transferência. Agentes do governo monitorizam as imagens num local remoto, sem terem conhecimento dos detalhes do proprietário ou expedidor. Conforme refere Ghassan Ahmad da Kudumba, isto permite eliminar a fraude e evitar que as pessoas se juntem para passarem algo. Referiu também que este sistema reduziu o tempo de desalfandegamento dos contentores no porto de quatro dias para três horas.

Dois outros importantes corredores estendem-se desde o porto de Nacala até ao Malawi e do Porto da Beira para o interior, até ao Zimbabué — uma rota de combustível importante. O ministro dos transportes, Paulo Zucula, afirmou que os investimentos em infraestruturas portuárias e ferroviárias agendados incluem 1,5 mil



milhões de dólares para Nacala, 700 milhões de dólares para Maputo e 300 milhões de dólares para a Beira, sendo que até ao final de 2020 o montante total dos planos ascende a 20 mil milhões de dólares.

Além dos corredores, outras prioridades incluem um novo porto de águas profundas a sul de Maputo e a expansão dos aeroportos de Maputo, Nampula, Beira, Tete e Inhamitanga. Francisco Pereira, do Fundo de Estradas, disse que irão ser investidos cerca de 4 mil milhões de dólares em autoestradas por todo o país até ao final de 2014, sendo os corredores uma prioridade. ■

## mcel em foco



**SALVADOR ADRIANO**  
Diretor executivo

A maior das três empresas de telemóveis que operam em Moçambique, a companhia estatal mcel, tem aproximadamente 4 milhões de clientes e 66% da quota de mercado. É concorrente da Vodacom Moçambique, estando prevista a entrada no mercado de uma segunda operadora privada. Com 62% de cobertura geográfica e potencial para alcançar 83% da população, oferece aos clientes serviços de 3G e de BlackBerry. Moçambique tem aproximadamente 6 milhões de assinantes de telemóveis, pouco mais de um em cada quatro habitantes. Contudo, à medida que o mercado se vai expandindo, a maior parte dos novos clientes pertencerá aos grupos com rendimentos mais baixos. Segundo o diretor executivo da mcel, Salvador Adriano, estes clientes apenas podem gastar 2 dólares por mês, ou ainda menos, e muitas vezes esse valor não paga o investimento na expansão do nosso serviço. Afirma ainda que é preciso ser inovador para garantir a rentabilidade.

# Gaza Terra dos HEROIS

Águde no Rio Incoluine - Gaza

**GOVERNO DA PROVÍNCIA DE GAZA (REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE)**

Gaza, uma província de Moçambique repleta de potencialidades e oportunidades de investimento.

Avenida Samora Machel, 1009, Caixa Postal 194  
Tel. / fax: +258 28 22 20 02 gab.gov.gaza@teledata.mz  
[www.gaza.gov.mz](http://www.gaza.gov.mz)

# “Magia numa terra mágica”

“Gosto de passar algum tempo em Moçambique. O céu brilhante é azul-marinho,” assim cantou Bob Dylan, em 1975, e o país continua a ser tão atraente como o era então. O desafio consiste em construir as suas infraestruturas e instalações e desenvolver uma promoção eficaz.



## Inatur em foco

O Inatur, Instituto de Turismo de Moçambique, é a principal arma deste país para atrair turistas estrangeiros. Segundo esta agência estatal, Moçambique pode fornecer qualquer tipo de turismo, sendo que o desafio reside na transformação das possibilidades em realidade.

Não se trata apenas de construir as infraestruturas adequadas, mas também de assegurar que a indústria oferece bons projetos e as condições propícias à realização de negócios.

O Inatur tem três linhas de crédito, todas basicamente destinadas a empresas locais. Uma dessas linhas de crédito destina-se ao micro-financiamento, como por exemplo, ajudar um restaurante a comprar louça nova, outra linha de crédito destina-se a projetos de montantes entre os 50-70 mil dólares, como é o caso de uma pequena casa de hóspedes (*guest-house*); e a última destina-se a projetos até 100 mil dólares. Esta agência está também a promover os Hotéis Kapulana, uma cadeia de hotéis de média categoria em todo o país, que poderão brevemente ser abertos para *franchising* por investidores locais ou internacionais.



Segundo Fernando Sumbana, ministro do Turismo, o turismo estrangeiro recuperou fortemente desde o fim da guerra civil, em 1992, e as chegadas mais do que duplicaram no período compreendido entre 2004 e 2008, sendo o seu número atual superior a 1,5 milhões de visitantes por ano. A maior parte dos turistas provém da vizinha África do Sul, que se desloca a Moçambique especialmente durante a época do Natal, Ano Novo e férias escolares, podendo esse número aumentar ainda mais com a introdução em, 2010, de voos charters na rota Joanesburgo - Maputo.

Fernando Sumbana referiu ainda que o turismo internacional é uma das principais compo-

nentes para a estabilização da balança de pagamentos, e que é possível fazer-se muito mais.

Moçambique está a trabalhar com dois dos seus vizinhos, a Suazilândia e a África do Sul, com vista à promoção de pacotes regionais. A título de exemplo, existe um pacote que consiste em duas noites na reserva natural sul-africana de Mpumalanga, cinco noites em Maputo e arredores e duas noites no fascinante reino tribal da Suazilândia.

Londres, Berlim, Espanha, Portugal, China, Itália, África do Sul e Estados Unidos estão entre os mercados visados para as atividades de promoção do país, referiu ainda Fernando Sumbana. ■

### Kudumba, Investments, Lda.

(Solução Integrada de Segurança e Fronteiras)



KUDUMBA Investments, Lda.  
Praça dos Trabalhadores,  
Porto de Maputo Portão 6  
Edifício da Kudumba Maputo - Moçambique

Tel: +25821360025  
Fax: +258 21 316 027  
info@kudumba.com  
www.kudumba.com



Trabalhamos em prol do desenvolvimento do agronegócio em Moçambique Promovemos e apoiamos o investimento privado no sector comercial agrícola Apoiamos o desenvolvimento de infra-estruturas de apoio a agronegócios como forma de remover constrangimentos ao longo da cadeia de valor de produtos agrícolas.



Rua de Gáves Nº 33 - 1º Andar Maputo - Moçambique  
Tel.: + 258 21 30 79 57 / 21 30 06 26  
Fax: + 258 21 42 74 36 - Cel: 82 325 3370  
www.cepagri.gov.mz



# TOP 5 Destinos

Praias, restaurantes magníficos, mercados de rua, história colonial, vida selvagem... Moçambique oferece quase tudo. Eis seguidamente cinco grandes opções para começar.



**Inhambane** (fotos 3 e 5) fica situada a 480 quilómetros (298 milhas) de Maputo, pela estrada ao longo da costa. É uma cidade antiga e sossegada sobre um promontório com vista para uma grande baía, que é um excelente local para a prática de *snorkeling* e mergulho. A Praia Tofo, um paraíso cada vez mais procurado pelos veraneantes, fica muito perto.

**Maputo**, a capital, outrora conhecida por Lourenço Marques. É a maior cidade, com pouco mais de 1 milhão de habitantes. A capital de Moçambique oferece uma mistura vibrante de novo e antigo, com modernos hotéis e o clássico e antigo Hotel Polana Serena (foto 2), ótimos restaurantes, um fascinante mercado tradicional, praias movimentadas e muito mais.

A **Ilha de Moçambique** (foto 4) remonta aos tempos pré-coloniais. Foi um importante posto mercantil para os mercadores árabes, muito antes da chegada de Vasco da Gama, em 1498, ano que deu início a vários séculos de domínio português — a ilha foi um centro de comércio de escravos e a capital colonial até 1898. A Ilha de Moçambique, classificada atualmente como Património Mundial das Nações Unidas, fica situada ao largo da costa norte, junto a Nacala, e apresenta vários bonitos edifícios e jardins coloniais antigos.

As **Ilhas Quirimbas** (foto 1), ao largo da costa nordeste, oferecem oportunidades espetaculares para nadar e mergulhar.

A **Reserva do Niassa** (foto 6), que fica um pouco remota a norte do país, é a região protegida com maior extensão do país (10 milhões de acres). A vida selvagem inclui a palanca negra, elefantes, o búfalo-africano, a impala, o gnu, zebras, leopardos e cães selvagens africanos.

tel: +258 21 305589 | tel: +258 21476163/7  
gre@fe.gov.mz | cooperacao@ane.gov.mz  
[www.ane.gov.mz](http://www.ane.gov.mz)

**BP Moçambique**

Oferecendo ao cliente os melhores serviços e produtos de qualidade de uma forma sustentável

Tel: +258 21 357300 | Fax: +258 21 326042 | E-mail: vendas@mz.bp.com [www.bp.com](http://www.bp.com)  
Av. Sociedade e Geografia, talhão 269, 3º Andar Caixa Postal 854 Maputo-Moçambique



**Ibraímo Abdul Carimo Issufo Ibraímo**  
Diretor executivo e presidente da Comissão Executiva, BCI

“Estou otimista. Moçambique é um país com estabilidade política e estrutural e instituições operacionalmente funcionais, que não encontramos em muitos outros países africanos.

O BCI é o segundo maior banco de Moçambique. Era inicialmente um pequeno banco de investimento, tendo sido adquirido em 1997 pelo banco português Caixa Geral de Depósitos (CGD). O grupo financeiro português BPI também possui uma participação neste banco. Atualmente, a CGD detém 51%, o BPI 30% e os investidores locais 19%. O BCI conta atualmente com 76 agências e cerca de 200 mil clientes, estando essencialmente orientado para a banca de retalho, setor onde possui uma quota de mercado de cerca de 26% de depósitos e 35% de empréstimos. Ibraímo Ibraímo, Diretor Executivo e Presidente da Comissão Executiva do BCI, referiu que foram criadas 55 novas agências nos últimos dois anos, multiplicando assim o volume de transações por

cinco. Este crescimento levou-o a convocar uma reunião urgente com os acionistas para explicar que a mudança do cenário internacional, a expansão da economia moçambicana e a vinda de novos atores para o setor bancário do país exigia que se repensasse a estratégia. Explicou que apresentou três cenários possíveis, que se resumem da seguinte forma: manter a atual situação e ver a quota de mercado baixar; consolidar o segundo lugar; ou investir para ser líder dentro de sete anos. Segundo Ibraímo Ibraímo, os acionistas escolheram a terceira opção. ... O Conselho de Administração do BCI decidiu duplicar o capital do banco ao longo dos próximos três anos, pelo que os nossos atuais ativos de 80 milhões de dólares irão receber mais 80 milhões de dólares, o que nos permitirá expandir.



## Potential da banca

*A banca moçambicana está em expansão. Assistimos à entrada de novos atores e à abertura de novas agências. Para o governo, a construção de uma infraestrutura financeira sólida é tão importante como a construção de estradas e caminhos de ferro.*

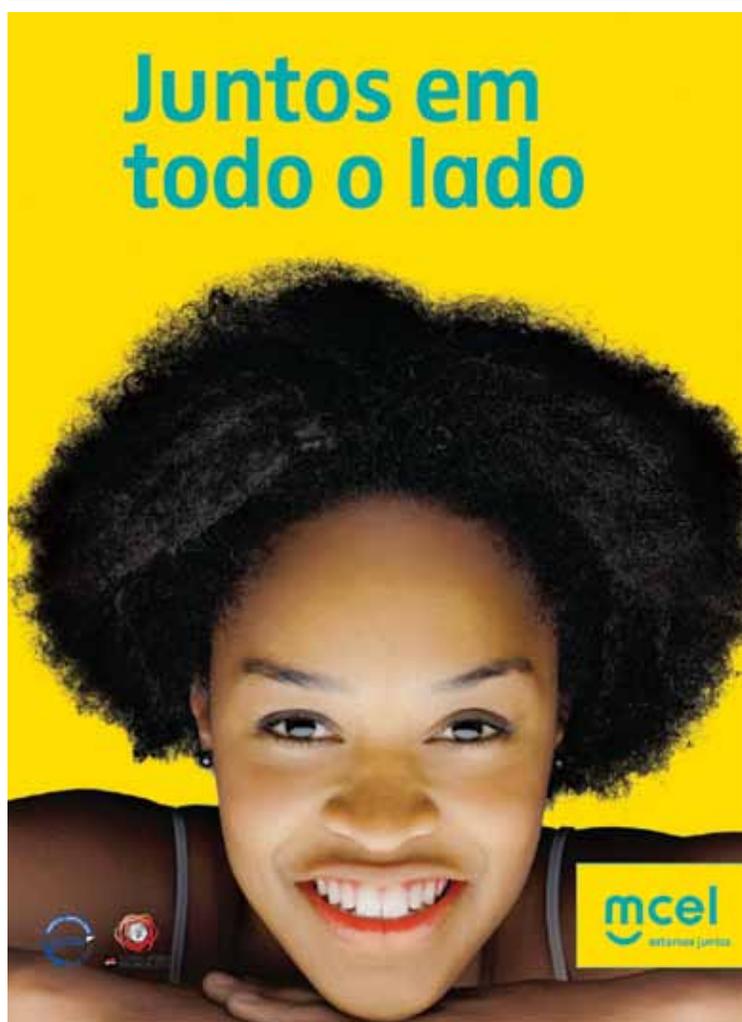
De acordo com os banqueiros locais, menos de 10% dos adultos moçambicanos têm contas bancárias, em comparação com a média de cerca de 38% registada a nível mundial, segundo o Banco Mundial. Mesmo entre as nações em desenvolvimento, a média é de cerca de 28%. Tudo isto põe em evidência o potencial de crescimento e, por sua vez, explica o interesse.

Moçambique possui atualmente 15 bancos operacionais, muitos deles parcialmente detidos por capital estrangeiro.

“De acordo com as minhas informações, o número de agências operacionais subiu de apenas 28, em 2007, para 374, em agosto de 2010, estando a ser prestados

serviços em 58 dos nossos municípios”, referiu o ministro das Finanças Chang. Contudo, muitos bancos também têm estado a investir fortemente em ATM.

Segundo Chang, a estratégia consistirá sempre na criação de infraestruturas básicas, as comunicações e a ampliação da rede elétrica, e no encorajamento das instituições financeiras para abrirem agências em novos locais. Com serviços como a banca e as comunicações móveis a penetrarem agora em áreas rurais de baixos rendimentos, onde anteriormente não existia este tipo de serviços, há claramente espaço para o desenvolvimento de sinergias. ■



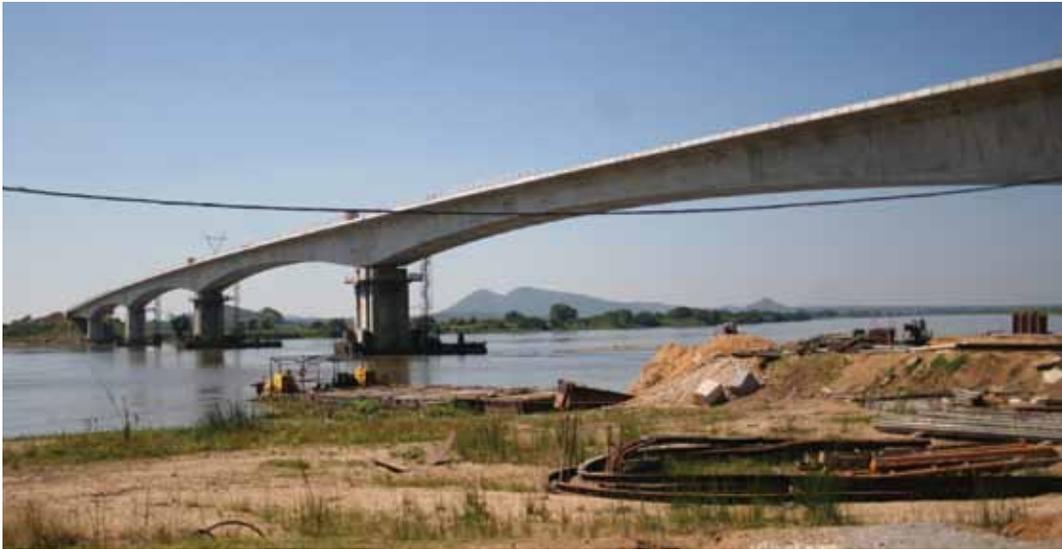
## BANCOS A QUE DEVEMOS ESTAR ATENTOS

- 1 BANCO ÚNICO**

Um novo banco, criado em junho de 2010, que deverá iniciar as suas operações no início de 2011 e fortemente orientado para a banca de retalho. O controlo é exercido pelos grupos portugueses Amorim e Visabeira, através da holding Gevisar. Os investidores moçambicanos detêm uma participação minoritária que poderá mais tarde aumentar para 49%. Segundo o diretor executivo, João Figueiredo, o mercado atual ainda não possui a necessária profundidade e amplitude em todas as localidades e regiões do país, mas possui onde opera a capacidade para oferecer qualquer produto ou instrumento disponível a nível internacional no mercado bancário básico.
- 2 MOZA BANCO**

Criado com as divisões de *corporate banking*, *private banking* e banca de investimento, o Moza Banco foi inicialmente detido em 51% pela Moçambique Capitais, um grupo com mais de 200 investidores locais, e em 49% pela Geocapital, uma companhia de investimento portuguesa e macaense. Em 2010, o Banco português Espírito Santo adquiriu cerca de metade da participação da Geocapital supostamente pelo montante de 35 milhões de dólares. Segundo o Presidente do Moza Banco, Prakash Ratilal, o banco irá expandir-se, passando das suas duas agências atuais para 30 agências por todo o país, sendo que cada agência requer entre 500 mil dólares e 700 mil dólares, consoante o local.
- 3 MILLENNIUM BIM**

É o maior grupo financeiro de Moçambique, antigo Banco Internacional de Moçambique, S.A.. É detido maioritariamente pelo banco português Millennium BCP, tendo parceiros estatais e privados minoritários locais. O Millennium Bim detém uma quota de mercado de 40% e possui a maior rede do país, com cerca de 86 agências que prestam serviços a cerca de 500 mil clientes. Segundo o presidente do Conselho de Administração, Mário Machungo, o banco está vocacionado para o setor do retalho, embora opere também no setor do investimento. Referiu ainda que o banco tem de satisfazer todas as necessidades dos seus clientes, sejam elas nos setores do investimento, dos seguros, da locação financeira, empresarial ou outros.



## Subindo mais a norte do país, onde se concentram os recursos financeiros

No passado, de um modo mais simplificado, a indústria de Moçambique concentrava-se no sul, à volta de Maputo, e junto da África do Sul, a agricultura concentrava-se nas férteis terras agrícolas do norte e o turismo estendia-se em dispersas bolsas ao longo das suas magníficas praias. Atualmente, com o melhoramento das infraestruturas do país, o desenvolvimento está a alastrar-se um pouco por todas as regiões.

O corredor aéreo em Nacala, a sexta maior cidade do país, era uma base militar. Atualmente, é uma peça-chave de um ambicioso plano para promover uma zona de desenvolvimento económico na extremidade do Corredor de Desenvolvimento de Nacala, com a vantagem de ser o porto natural de águas mais profundas na África Oriental.

O Ministro da Planificação e Desenvolvimento, Aiuba Cuereineia, declarou numa entrevista que a inspiração surgiu de mode-

los asiáticos. Afirmou que a base aérea está a ser transformada num centro regional para voos internacionais.

Referiu ainda que esse desenvolvimento, juntamente com o porto e o corredor de transporte para o Congo, representam um potencial para os setores da logística, da produção e da transformação.

Nacala é apenas uma de várias zonas de desenvolvimento económico que o Governo está a promover.

Lourenço Sambo, diretor-geral do Centro de Promoção de Investimentos, afirma que é necessário levar o desenvolvimento para as áreas mais remotas, ou seja, para onde as pessoas necessitam desse desenvolvimento. Acrescentou que têm vindo a trabalhar com universidades e escolas técnicas para identificar sinergias.

A província de Gaza, em particular, tem beneficiado da sua proximidade de Maputo e da África do Sul. ■

**cara**cara



**RAIMUNDO DIOMBA**  
Governador, província de Gaza

**Já todos ouviram falar de Maputo, mas a província de Gaza está igualmente em expansão. Como é que consegue atrair os investidores?**

Bem, temos de mostrar o nosso potencial – por exemplo, a agricultura, a energia hidroelétrica e o turismo.

**Que projetos estão agora a decorrer?**

Estamos a melhorar a principal autoestrada e outras infraestruturas para o turismo e estamos a investir em infraestruturas para a agricultura.

**Quais são as oportunidades?**

Estamos a estudar a construção de barragens no rio Lapopo, de modo que o norte da província possa ter terrenos de cultivo – pois atualmente os terrenos são principalmente utilizados para pastagens.

**E em relação aos recursos minerais?**

Há estudos ainda a decorrer, mas é uma questão de se determinar a quantidade. Temos areias minerais pesadas no Xicuto e Xai-Xai, e há investidores potencialmente interessados. Temos muito calcário, e o objetivo é construir uma fábrica de cimento na nossa província.

**E petróleo?**

Tenho de ser cauteloso. Temos algumas indicações, mas nada está confirmado ainda.

**O seu parceiro financeiro em Moçambique.**

[www.bci.co.mz](http://www.bci.co.mz)

**BCI**  
O MEU BANCO

# Aumentar as colheitas é a chave para a prosperidade agrícola

De acordo com o primeiro-ministro Aires Bonifácio Ali, a agricultura está neste momento no cerne das preocupações em termos de desenvolvimento, estando a ser dada uma grande prioridade à produção alimentar, em particular de cereais, para que o país possa ser autossuficiente.



## Uma terra de **oportunidades**

Segundo a Cepagri, estas são algumas das vantagens agrícolas de Moçambique:

- Terrenos agrícolas públicos disponíveis: 6,95 milhões de hectares.
- Principais províncias: Zambézia, Niassa, Inhambane, Gaza.
- Os terrenos não são vendidos; o Estado faz uma concessão de 50 anos renovável por iguais períodos.
- Preço do hectare por ano (2009, aprox.): 0,08 dólares para exploração pecuária; 0,58 dólares para terrenos aráveis.
- Abundância de recursos hídricos na maior parte das áreas.
- Oportunidades: arroz, frutos tropicais de valor elevado, pimentos.
- Vantagens: produção fora de estação; acesso preferencial à SADC e à União Europeia (UE).

Apenas alguns números revelam a situação desesperada de Moçambique resultante de décadas de subdesenvolvimento e de guerra. Cerca de 70% da população exercem uma atividade direta ou indiretamente relacionada com a agricultura, mulheres na sua maioria, mas utilizam apenas uma fração da terra potencialmente arável e produzem alimentos insuficientes. Isto traduz-se na saída de um valioso montante de divisas estrangeiras para pagar importações.

Segundo dados recentes divulgados pelo Centro de Promoção Agrícola (Cepagri) do Ministério da Agricultura, Moçambique produz 220 mil toneladas de arroz por ano, contra uma procura de 540 mil toneladas, ou 18.600 toneladas de aves de capoeira, contra uma procura de 36 mil toneladas.

Segundo um representante do Ministério da Agricultura, um dos maiores problemas reside no facto de as colheitas agrícolas em Moçambique serem muito baixas, o que significa que os agricultores ganham muito pouco. Para tornar

a agricultura numa atividade lucrativa é preciso aumentar as colheitas, o que requer a utilização de sementes de melhor qualidade. É necessário transferir tecnologia e mais *know-how* para os produtores, que são essencialmente constituídos por agricultores familiares.

O Governo está a tentar reservar 10% do orçamento nacional para investir na agricultura com vista a estimular a mesma, mas até agora está com dificuldade em chegar aos 8%.

O drama da produtividade em Moçambique é evidente. Os produtores de arroz, por exemplo, produzem, em média, 1 tonelada por hectare — cerca de metade da média produzida na Índia. Os produtores de cana-de-açúcar cultivam o suficiente para a exportação, mas a sua colheita por hectare, representa cerca de 80% da colheita do Brasil. O país também vê a agricultura como um fornecedor-chave de matérias-primas para a transformação local, que acrescenta valor.

A Cepagri promove oportunidades agrícolas aos investidores estrangeiros e tem registado algum sucesso com os biocombustíveis. Um

desses projetos envolve a Principle Energy, uma companhia internacional que se dedica às energias renováveis na África Austral. Esta companhia estará a investir 450 milhões de dólares numa exploração de 23 mil de hectares em Dome, no Rio Buzi no centro de Moçambique. A companhia anunciou que está agendada a entrada em funcionamento de uma destilaria de etanol em 2013, com a trituração de 2,5 milhões de toneladas de cana-de-açúcar irrigada por ano, com vista a produzir 65 milhões de galões de etanol para combustível e cerca de 13 MW de eletricidade para venda. O projeto inclui escolas e um centro de saúde e deverá criar 1600 postos de trabalho diretos, gerando, ao mesmo tempo, uma atividade económica indireta significativa.

O principal mercado de exportação para o etanol parece ser o Reino Unido, através da Shell. A Cepagri notou que, na sua qualidade de país menos desenvolvido, Moçambique poderá exportar etanol para a UE com isenção de direitos aduaneiros. ■



EUA  
1050 Connecticut Avenue, NW, 10th floor,  
Suite 1000 Washington, DC 20036 - USA  
Tel +1 202 772 1090  
[www.peninsula-press.com](http://www.peninsula-press.com)

Espanha  
Paseo de la Castellana,  
95. 15 Planta 28046 Madrid - Spain  
Tel +34 91 418 50 32  
[info@peninsula-press.com](mailto:info@peninsula-press.com)

Editor-Executivo Stella Klauhs  
Diretora Regional Carolina Mateo  
Diretora do Projeto Marie Jung  
Diretor de Pesquisa Adrian Viñuales  
Assistente Editorial Paula Grunfeld  
Redator Brian Nicholson

Diretor Criativo Marta Conceição  
Designer André Noivo  
Ilustrador André Kano (capa),  
Henrique Monteiro  
Fotografia Paula Grunfeld, Rani  
Resorts, SXC, Shutterstock